

Jornalismo e Mídia: transdisciplinaridade, potência e complexidade

Toda vez que nós, da equipe editorial da EJM nos debruçamos sobre esse trabalho de editar a revista, vamos tendo reafirmada a percepção da importância e da dinâmica capilar que a pesquisa em Jornalismo e Mídia vem adquirindo no país. Neste sentido é que intencionamos, ao trazer até você esta primeira edição da Revista EJM de 2023 - v. 20, nº 1/2023 – justamente confirmar essa ideia, bastante evidente na série de artigos, entrevista e resenha que se seguem e que mostram o vigor investigativo da área. Os textos estão organizados desde diferentes perspectivas, ofertando problematizações que se dão a partir de arranjos em torno do tema da mídia e sua relação com a produção jornalística contemporânea, ambas inseridas nas profundas e intensas mudanças próprias do ecossistema dinâmico e continuamente mais complexo.

Assim, começamos por destacar na edição, as reflexões tão bem promovidas pelo colega das terras de além mar, João Canavilhas. O professor e pesquisador, sempre atento às transformações operadas no jornalismo, traz provocações sobre as relações deste com a Inteligência Artificial. A extensa e profícua produção bibliográfica, fruto das idéias e do trabalho que vem oportunamente socializando, leva a dispensar particular atenção nessa conversa em que apresenta as transformações possíveis na prática jornalística a partir da IA, desde que para tanto se mobilize o que os computadores não possuem e nem podem mobilizar. Trata-se da criatividade, com que esses aplicativos não podem lidar, que se constitui no diferencial, garante o professor.

Já na seção de artigos, trazemos o trabalho de outro pesquisador do país irmão, João Figueira, resultante da palestra proferida na abertura do semestre acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC no mês de maio passado. No texto “A banalidade da mentira na sociedade do Pós-Facto”, Figueira elenca as características de um tempo que mudou a forma de fazer jornalismo, bem como o acesso à informação e as relações entre dirigentes políticos e cidadãos, em direção ao que chama de desregulação da comunicação. Essa “liberalização” concorre para a mistura da mentira com a verdade que, associada aos crescentes novos radicalismos de direita, promove um mundo organizado segundo a lógica do “eu” e as crenças individuais como regulação vigente.

Na sequência, a revista traz o texto “Jornalismo, decolonialidade e ativismo digital: um estudo sobre o *Nós, mulheres da periferia*” que reflete sobre a possibilidade de que a prática de uma comunicação baseada na perspectiva decolonial, permitiria a humanização, neste caso das mulheres pretas e periféricas. A análise é feita a partir da narrativa das próprias mulheres, publicadas no site do coletivo *Nós, mulheres da periferia*.

As relações possíveis entre a Narrativa e resistência são analisadas no artigo “Narrativa e resistência em Banzeiro Òkòtó, de Eliane Brum”. A reflexão considera o projeto jornalístico-literário de Brum que problematiza e subverte aspectos da escrita

para experimentar modos inclusivos de narrar. A análise mostra que os recursos narrativos que levam à reflexividade, ampliam e complexificam o conceito de gêneros, ao juntar a reportagem com a crítica a formas opressoras da civilização ocidental.

Em “A centralidade da ética jornalística nos currículos: transversalidade e interdisciplinaridade como estratégia metodológica” está posta a discussão sobre o ensino de ética nos cursos de jornalismo, como tema central da formação. O texto dialoga, para tanto, com autores da Educação, observando a adoção de estratégias metodológicas que incluem a transversalidade e a interdisciplinaridade como possibilidade do ensino, capazes de superar as limitações do campo acadêmico do Jornalismo.

Que objetos de pesquisa podem apresentar os artigos científicos que problematizam as relações entre o jornalismo e a democracia? O artigo “A produção científica que trata das relações entre o jornalismo e a democracia” analisa a produção científica sobre esse tema, fazendo esse levantamento em periódicos indexados pelas bases *Web of Science*; *Scopus*; *Scielo* e *Catálogo de Teses e Dissertações da Capes*. A amostra foi recortada entre os anos de 2010 e 2021, procurando elencar a problemática de pesquisa, os métodos e técnicas utilizadas nas investigações sobre os processos democráticos e o papel do jornalismo na organização social.

Em “Conhecer, comunicar, transformar: conteúdos contextualizados com o Semiárido na televisão” tem-se um panorama do trabalho dos jornalistas de três emissoras educativas de televisão do nordeste, mais especificamente localizadas na região do semi-árido. O artigo examina, a partir de uma perspectiva contextualizada, a realidade e as possibilidades de representação desses territórios em uma programação mais atenta aos valores e cultura locais.

Ainda na perspectiva da filosofia, o artigo “As concepções de Albert Camus sobre jornalismo e a prática jornalística” traz uma investigação sobre o que o filósofo considerava “a corrupção dos valores jornalísticos”. Para Camus, a prática jornalística exige um olhar doutrinário sobre a sociedade, submetida às conformações do sistema capitalista.

A discussão sobre a linguagem segue no artigo “Práticas de Representação: uma Cartografia de Experimentações na Cultura Midiática”, que aqui propõe debater o conceito de representação, tomando as bases éticas e políticas defendidas pelo hermenauta Giorgio Agamben. Estuda, neste sentido, manifestações próprias e articuladas entre o jornalismo e a cultura pop.

A força e importância do testemunho volta ao debate no artigo “Depressão e verdade de si: análise de testemunhos presentes no jornal O Globo”, em que são analisadas histórias e as fontes de reportagens publicadas na década de 1990. E que trazem à discussão como o fato narrado se articula à narrativa, a partir do modo de ser do sujeito, instaurando o que os autores chamam de temporalidade circular, ou a qualificação de si através do passado para prestar testemunho.

“Memória e testemunho em livros jornalísticos” discute o que os autores chamam de jornalismo de fronteira, caracterizado por aquele que forma um conjunto integrado por informação, história e literatura e que busca superar a rigidez da linguagem jornalística. O artigo toma como corpus de análise, para tanto, os livros *1968 – O ano que não terminou* e *1968 ditadura abaixo*, procurando colocar a atenção especialmente à memória e ao testemunho como operadores metodológicos.

Em “Dinâmica narrativa e autoria do desacontecimento na cobertura noticiosa da imprensa paulista”, os autores examinam a partir de reportagens do Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, técnicas de redação e autoria acionadas para a cobertura da editoria de Cotidiano. São postos em discussão a apuração sensível e a mediação jornalística autoral, em que o desacontecimento assume dinâmicas noticiosas próprias, para além da gramática positivista das rotinas profissionais.

Os valores notícia no jornalismo esportivo são fomento para a discussão sobre os tradicionais limites e as interrelações entre a objetividade e a subjetividade no jornalismo. A problemática está posta no artigo “Entre o objetivo e o subjetivo

vo: a presença de novos valores-notícia no jornalismo esportivo", que neste texto ganham nuances específicas, em razão das mudanças e do impacto da audiência potente, frutos da evolução tecnológica.

O perfil da ex-presidenta Dilma Rousseff é objeto de análise no artigo "Quem pode testemunhar a vida de uma presidenta? A construção de perfis biográficos sobre Dilma na revista *piauí*". O texto procura compreender como se constituem as ferramentas ideológicas mobilizadas na narrativa que cristaliza imagens sobre gênero e sobre a primeira mulher a ocupar a presidência do Brasil.

O jornalismo também é tema da reflexão proposta no artigo "Jornalismo de soluções e a questão ambiental: uma análise do projeto *Seven Grams*". O texto apresenta a ideia da prática jornalística compreendida como aquela que visa, não apenas relatar os problemas sociais, econômicos e/ou ambientais, mas também a oferecer respostas a esses problemas. E se vale, em termos de análise, do projeto *Seven Grams*, que objetiva redesenhar a cadeia de suprimentos dos *smartphones*, bem como o custo humano e ambiental envolvido no processo e o consequente paroxismo da cultura digital a isso associado, neste caso, pensada tanto como problema, como solução.

Por fim, a Revista traz uma resenha sobre a obra "Convergências da comunicação: novas perspectivas e visões", organizada por Carlos Ortiz. O autor, que é doutor em Comunicação e Jornalismo pela Universidad Santiago de Compostela (USC) e atualmente docente na Universidad Técnica Particular de Loja (UTPL), no Equador, propõe uma discussão sobre a digitalização, tanto em termos de equipamentos, quanto na mudança dos conceitos de produção de conteúdos audiovisuais e impressos. Para tanto, reuniu textos que reflexionam sobre a programação não-linear, interativa e para múltiplas plataformas e seus impactos no mundo midiático.

Desejamos a todos uma excelente leitura. Que as ideias ofertadas promovam novas interpretações e avanços que gerem as melhores e mais complexas formas de ver o Jornalismo, suas relações com a Mídia e, por extensão, com a própria vida.

Raquel Ritter Longhi e Fabiana Piccinin.
Editoras